

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DE ADOLESCENTES: CONDUTAS E POSTURAS SOCIAIS SINALIZANDO DIFERENCIAÇÕES E DESIGUALDADES

Ronaldo Matos Albano

Universidade Federal do Piauí – UFPI

e-mail: ronaldoalbano@ufpi.edu.br

Maria Vilani Cosme de Carvalho

Universidade Federal do Piauí – UFPI

e-mail: vilacosme@oi.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de construção da identidade de gênero de alunos do ensino médio, mediante a análise dos mesmos acerca das condutas e posturas socialmente ditas masculinas e femininas e, ainda, a análise das suas famílias acerca desses referenciais sociais de gênero na interface dos discursos. Os procedimentos metodológicos adotados foram o grupo focal, como técnica de coleta de dados e a posterior análise dos mesmos, baseada nos referenciais especialmente de Louro (1997, 2001, 2004, 2006), Ciampa (1987, 1994, 2000), Moita Lopes (2002) e Carvalho (2000). Os resultados sinalizam diferenciações e desigualdades no processo de construção da identidade de gênero dos adolescentes, mediante as avaliações das condutas e posturas sociais acerca do ser homem e do ser mulher.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Adolescência. Família.

Introdução

Para o adolescente, perceber-se num momento de extremo conflito e incerteza, característicos desse momento da sua vida, estruturando e construindo, dentre outras identidades, a de gênero, não é uma tarefa simples. Os aspectos internos e externos estão o tempo todo numa relação dialética, num movimento permanente que além de gerar inúmeras experiências das mais diversas ordens, certamente também é geradora de inúmeras dúvidas. Mergulhar nas inúmeras possibilidades que cada dimensão que perpassa a construção da identidade de gênero proporciona, pode desencadear no adolescente, conflitos das mais diversas ordens. Em outros termos, para o adolescente perceber e sentir-se como masculino e/ou feminino, diante de tantas nuances e perspectivas que estão engendradas nesses referenciais, necessita uma vivência mais próxima, para não dizer mais prática, de articulação entre o biológico, o cultural, o social e o histórico que sinalizam de que forma os conceitos de masculino e feminino são entendidos naquela dada realidade. Face a esses conflitos, definimos como objetivo

deste artigo investigar como alunos do ensino médio da cidade de Teresina-PI constroem sua identidade de gênero. Tal definição possibilitou-nos desenvolver um trabalho que prioriza, em sua essência, a compreensão do processo constitutivo da identidade de gênero de adolescentes em fase escolar.

Para tanto, optamos como referencial teórico o conceito de identidade do psicólogo social Ciampa (1987), o qual concebe a identidade como um processo de constante transformação e diretamente relacionado com o desenvolvimento do indivíduo e suas relações sociais com o homem¹ e com o meio histórico, social e cultural no qual está envolvido. Nas reflexões acerca da temática gênero, nos ancoramos nas idéias especialmente de Louro (1997, p. 21), a qual evidencia que “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”. Assim, observamos o quanto falar de identidade de gênero torna-se delicado, diante dessas dimensões que compõem a sua estruturação e de tantas conexões que, inevitavelmente, direcionam diferentes olhares e diferentes formas de conceber e entender o referido tema.

Esta pesquisa foi realizada com 10 (dez) alunos (cinco meninas e cinco meninos) do ensino médio da cidade de Teresina-PI, os quais estavam cursando o 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Zacarias de Góis - Liceu Piauiense no referido ano. Estruturamos, portanto, esse texto em quatro partes: esta introdutória que situa o leitor junto aos objetivos em pesquisar esta temática; na segunda parte fazemos uma discussão teórica sobre a identidade de gênero; na terceira parte explicitamos a metodologia adotada na pesquisa e na última parte a análise e conclusão dos resultados obtidos os quais sinalizam diferenciações e desigualdades no processo de construção da identidade de gênero dos adolescentes, mediante as avaliações das condutas e posturas sociais acerca do ser homem e do ser mulher.

A avaliação das condutas e dos papéis sociais sobre gênero e sexualidade dos adolescentes e de suas famílias na interface dos discursos

Ao analisarmos os papéis sociais e as condutas sobre gênero e sexualidade dos adolescentes por meio de suas interações ao longo do primeiro e segundo encontros,

¹ Ao utilizarmos o termo “homem”, estamos nos referindo ao ser humano, portanto, entendemos que essa terminologia refere-se tanto a homens quanto a mulheres.

buscamos relacionar as principais condutas que emergiram mediante as discussões sobre sexualidade e sobre os papéis sociais advindos desta, que permeiam a consciência sobre gênero desses adolescentes. Para tanto, agrupamos as falas dos alunos em três subcategorias que possibilitaram a organização e o entendimento das avaliações dos alunos, a fim de contemplarmos essa discussão e evidenciarmos os pontos centrais que as interações grupais proporcionaram:

- Condutas socialmente ditas masculinas realizadas por homens e condutas socialmente ditas femininas realizadas por mulheres. Essa subcategoria agrupou todas as condutas que foram apresentadas aos adolescentes e que socialmente são estigmatizadas como sendo de homens e são desempenhadas por estes e as condutas que são estigmatizadas como de mulheres e são desempenhadas por estas.

- Condutas socialmente ditas masculinas realizadas por mulheres. Nessa subcategoria foram agrupadas as condutas que socialmente são estigmatizadas como masculinas, mas que são desempenhadas por mulheres.

- Condutas socialmente ditas femininas realizadas por homens. Já nessa subcategoria agrupamos as condutas que socialmente são estigmatizadas como femininas, mas são desempenhadas por homens.

CONDUTAS SOCIALMENTE DITAS MASCULINAS REALIZADAS POR HOMENS E CONDUTAS SOCIALMENTE DITAS FEMININAS REALIZADAS POR MULHERES
- PARA OS ADOLESCENTES:
1. MENINOS QUE JOGAM FUTEBOL
2. MULHERES QUE CUIDAM DO SERVIÇO DOMÉSTICO
- PARA AS SUAS FAMÍLIAS:
3. HOMENS QUE ABRAÇAM OUTROS HOMENS
4. MULHERES QUE CUIDAM DO SERVIÇO DOMÉSTICO

- Exemplos de avaliações sobre as condutas acima:

1. João: *Conduta aceitável. Pois já é normal as pessoas do sexo masculino jogarem futebol; as mulheres também jogam, mas, sem dúvida nenhuma, é mais normal os homens jogarem.*

2. Manoel: *É aceitável. Porque a mulher, ela já tem aquele dom, aquele jeito de fazer aquela faxina doméstica na sua casa.*

3. Pedro: *conduta inaceitável. Eles nunca iam admitir que um homem desse um abraço em outro homem. Certo que o mundo tá mudando, mas eles não aceitam, acham que isso é coisa de gay, viado e tal [...] essas coisas.*

4. Francisco: *conduta aceitável. Porque minha mãe disse que não vai criar mulher só pra comer e pra dormir, é pra fazer as coisas em casa.*

Após evidenciarmos alguns dos julgamentos dos alunos e de suas famílias sobre as condutas classificadas como “condutas socialmente ditas masculinas realizadas por homens e condutas socialmente ditas femininas realizadas por mulheres”, existem no cotidiano dos alunos-adolescentes posturas, papéis sexuais, papéis masculinos e femininos que são avaliados como sendo “naturais” ou “normais” para homens e mulheres. Na ótica dos alunos tal ação por parte dos homens e mulheres, se dá de forma natural e comum, uma vez que esses papéis foram pré-estabelecidos socialmente e interferem na vivência dos mesmos. Sobre essa questão Carvalho (2000, p. 16) esclarece que:

As relações de gênero se baseiam em representações sociais e culturais, ou seja, nas idéias sobre o que deve ser - como deve se comportar, pensar, sentir - um homem ou uma mulher. Assim, as idéias sobre a masculinidade e a feminilidade tendem a criar estereótipos que ditam como todos os homens e mulheres devem ser.

Assim, nesse grupo de condutas analisadas, evidenciamos os pontos de convergência entre as condutas ditas masculinas e ditas femininas que são realizadas respectivamente por homens e mulheres e que em meio às divergências de avaliação dos alunos, percebemos como as convenções de condutas e papéis pré-estabelecidos e aprovados socialmente para homens e mulheres definem também a identificação desses adolescentes com estas.

Louro (2006) adverte que essas diferenças e desigualdades que são comuns ao se pensar em homens e mulheres, necessitam de reflexões que ultrapassem os binarismos e divisões explícitas de espaços masculinos e femininos. Nas palavras da autora:

É relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas

que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. (LOURO, 2006, p. 2).

Ou seja, condutas e práticas que são previamente definidas socialmente como sendo masculinas e/ou femininas, têm de ser refletidas e repensadas, uma vez que os estereótipos podem “aprisionar” os sujeitos de forma a coibir vivências que possam vir a descaracterizar socialmente os referenciais de ser homem e de ser mulher.

Assim, as identidades de gênero vão se constituindo em meio à inter-relação pressuposição/reposição evidenciada por Ciampa (1994). Ou seja, em meio às condutas analisadas percebemos sinais de que há possibilidade de alguns adolescentes estarem fazendo a re-posição de algumas dessas condutas, como forma de reproduzir os referenciais masculinos e femininos pré-estabelecidos socialmente. Outra forma percebida, também de acordo com as idéias de Ciampa (1994), foi a relação entre igualdade e diferença de algumas condutas, pois é também igualando-se e diferenciando-se que o indivíduo individualiza-se e constitui sua identidade.

Em conseqüência, esses referenciais masculinos e femininos vão sendo internalizados pelos adolescentes tendo como base essa identificação primeira com os aspectos sociais e que gradativamente passam a ser individuais e que constituem esses referenciais de gênero. Em outros termos, a consciência e a atividade dos adolescentes no que se refere a essas condutas ficaram bem evidentes e, conseqüentemente, seja pela relação reposição/pressuposição seja pela relação diferença e igualdade, pudemos apreender o movimento de construção das suas identidades de gênero.

O contexto familiar também se apresenta como um importante espaço que viabiliza a determinação e construção de referenciais de gênero, que são reproduzidos ou não pelos alunos na construção das suas identidades de gênero. Seja pela relação igualdade/diferença, pressuposição/reposição, mesmice/mesmidade definidas por Ciampa (1994), observamos nessas condutas socialmente ditas masculinas realizadas por homens e condutas socialmente ditas femininas realizadas por mulheres, que os padrões e estereótipos sócio-culturais constituídos ao longo da história são evidenciados ou re-significados pelas famílias dos adolescentes e, conseqüentemente, são sinalizados ou não nas identidades de gênero dos mesmos.

Rodrigues (2003, p. 75) evidencia que desde a infância essa influência acontece, ou seja, “a identidade social da criança começa a ser construída, portanto, a partir da interação com os membros de sua própria família, que vive em determinado território

social e geográfico, o qual influencia sua história”. Assim, entendemos que a identidade de gênero está diretamente relacionada à construção da identidade social, uma vez que compreendemos o homem como um ser sócio-histórico e cultural e essa concepção caracteriza as mútuas influências que constroem a identidade masculina e feminina da família e, conseqüentemente, dos adolescentes. Ou seja, o pensamento das famílias está relacionado às ações acerca do ser homem e do ser mulher e aos afetos que permeiam essa inter-relação no processo de construção da identidade de gênero dos adolescentes.

Essa relação entre identidade e os referenciais de masculino e feminino difundidos no contexto familiar dos alunos, mostra que o espaço familiar, dentre outros, também reflete e influencia a construção do sujeito em relação ao ser homem e ao ser mulher. Esse espaço é repleto de transformações e percepções diferenciadas de gênero, como pudemos perceber nas falas dos sujeitos. De acordo com Louro (2004), essas transformações ultrapassam o terreno dos gêneros e da sexualidade e podem nos levar a pensar, de um modo renovado, a cultura, as instituições, o poder, as formas de aprender e de estar no mundo. Ou seja, os sinalizadores de gênero para os adolescentes também são construídos por meio das discussões e referenciais evidenciados pelas suas famílias, mas não se limitam a estes, pois mediante as mudanças e transformações sociais e culturais que a própria família e os seus valores estão sofrendo constantemente, apontam para novas possibilidades de ser homem e ser mulher.

CONDUTAS SOCIALMENTE DITAS MASCULINAS REALIZADAS POR MULHERES
- PARA OS ADOLESCENTES:
1. MULHERES QUE NAMORAM MULHERES
2. MULHERES QUE SUSTENTAM A CASA
- PARA AS SUAS FAMÍLIAS:
3. MULHERES QUE NAMORAM MULHERES
4. MULHERES QUE TRABALHAM FORA DE CASA

- Exemplos de avaliações sobre as condutas acima:

1. Manoel: *conduta inaceitável. Porque a mulher que namora outra mulher, ela não tem Deus no coração, porque Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem. Então, é uma conduta inaceitável.*

2. Rita: *conduta tolerável. Realmente, a mulher tem o dom de cuidar da família, da casa, então a responsabilidade não pode ser jogada só pra ela, pois o homem também tem. Direitos iguais.*

3. Joana: *conduta tolerável. Minha mãe acha isso tolerável, pois ela sabe que cada pessoa tem a sua forma de amar, e ela prefere que a pessoa seja feliz do que estar infeliz com um homem, pois já sabendo que não é aquilo que ela quer. Já pro meu pai e meus dois irmãos isso é inaceitável, pois se Deus fez os dois sexos é pra os dois ficarem juntos e não mulher com mulher e homem com homem.*

4. Francisco: *conduta aceitável. A minha família não tem nada contra, a minha família acha muito é legal, errado é não trabalhar.*

Assim, observamos que a construção da identidade feminina da família em relação a essa conduta é explicitada nas falas dos adolescentes e sinalizam para as mudanças e transformações atuais da sociedade na qual a mulher ocupa cada vez mais espaços antes negados, em função desses estereótipos de total dependência da figura masculina. Tais transformações explícitas na contemporaneidade redirecionam o olhar sobre a mulher e, conseqüentemente, re-significam a consciência e as ações acerca dos referenciais femininos.

Percebemos, portanto, ao longo da análise das condutas socialmente ditas masculinas realizadas por mulheres, que os significados atribuídos socialmente à figura da mulher e suas repercussões, conseqüentemente, na construção dos referenciais femininos permeiam uma gama de fatores das mais diversas ordens. Por exemplo, a presença forte da cultura e das crenças e aspectos religiosos advindos desta, quando analisamos condutas como a homossexualidade feminina; a consciência de uma suposta inferioridade da mulher em relação ao homem para a execução de tarefas ou atividades tradicionalmente desenvolvidas por homens; os atributos “naturais” da mulher para desenvolver atividades domésticas de maternagem, de cuidadora, dentre outros; os estigmas e estereótipos acerca das atividades lúdicas que estão estabelecidas como típicas da mulher como o brincar com boneca.

Os referenciais de gênero evidenciam-se nas falas dos adolescentes e de suas famílias mediante a relação de diferenciação e de desigualdade e estas (re)produzidas pelas relações de poder entre homens e mulheres. Louro (2006, p. 8) ressalta essa perspectiva ao afirmar que:

A argumentação que coloca os gêneros e as sexualidades no âmbito da cultura e da história, leva a compreendê-los implicados com o poder. Não apenas como campos nos quais o poder se reflete ou se reproduz, mas campos nos quais o poder se exercita, por onde o poder passa e onde o poder se faz.

Nessa linha de análise, ao buscarmos uma correlação desses significados sociais acerca da figura feminina e a construção da identidade de gênero dos adolescentes, percebemos o quanto o contexto sócio-histórico e cultural é um determinante na formação do indivíduo. Ou seja, a consciência sobre a figura da mulher constitui-se na relação entre esses significados sociais e os sentidos atribuídos a estes. Assim, a identidade de gênero desses adolescentes é constituída em meio aos referenciais que são produzidos no âmbito da inter-relação consciência-atividade-afetividade. Como nos esclarece Lane (1995, p. 62) sobre essa inter-relação no processo de formação da identidade humana:

Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam.

Compreendemos, assim, que a identidade de gênero dos adolescentes em relação a esses referenciais femininos, também perpassa a relação evidenciada por Ciampa (1994) de pressuposição/reposição da identidade, uma vez que na maioria das condutas, esse processo se deu de forma explícita engendrado também com a idéia de igualdade e diferença como uma relação necessária para que o indivíduo firme a sua individualidade, ou seja, sua identidade e, no caso, os adolescentes explicitaram essa relação na constituição das suas identidades de gênero.

CONDUTAS SOCIALMENTE DITAS FEMININAS REALIZADAS POR HOMENS
- PARA OS ADOLESCENTES:
1. MENINOS QUE USAM BRINCOS
2. HOMENS QUE NAMORAM HOMENS
- PARA AS SUAS FAMÍLIAS:
3. MENINOS QUE USAM BRINCOS
4. HOMENS QUE NAMORAM HOMENS

- Exemplos de avaliações sobre as condutas acima:

1. Rita: *conduta inaceitável. Porque se o brinco foi feito pra mulher, pra quê que o homem quer usar brinco? Não tenho preconceito nenhum com quem usa brinco, mas eu acho muito errado.*

2. Manoel: *conduta inaceitável. Homem que namora homem, ele não é homem, ele é um viado, ele é um gay. Isso demonstra que ele não é homem.*

3. João: *conduta inaceitável. Meu próprio pai disse que se eu usar brinco, ele arranca minha orelha.*

4. Ana: *conduta inaceitável. Para os de fora com certeza não teria problema não, agora dentro de casa, por exemplo, com meu irmão, com certeza meu pai renegaria.*

Percebemos nas avaliações dos alunos que os referenciais de certo e errado, de positivo e negativo influenciam as identificações dos adolescentes com determinadas posturas de homens e de mulheres e, conseqüentemente, podem repercutir na constituição da sua própria identidade de gênero, em função do peso social que essas condutas e posturas podem adquirir na vida do indivíduo. Já as avaliações das famílias dos adolescentes ao sinalizarem os referenciais de gênero em relação a uma conduta homossexual reproduzem explicitamente os padrões sociais que estereotipam e determinam as condutas masculinas. Inúmeras concepções ou justificativas perpassam essas avaliações para cada família em particular, embora todas evidenciem o preconceito em relação à referida conduta.

Observamos, portanto, ao analisar num âmbito mais geral essa categoria “As condutas e os papéis sociais sobre gênero e sexualidade dos adolescentes e de suas famílias na interface dos discursos”, que a construção da identidade de gênero dos alunos é, de fato, uma construção social, sendo que esta se dá de forma diversa e complexa. Os adolescentes e suas famílias sinalizam de diversas formas as diferenças que compõem concretamente o universo dos papéis sexuais e de gênero social, histórica e culturalmente definidos e por meio dessas reflexões explicitadas indicam o caminho através do qual estão referenciando-se na constituição das suas próprias identidades. “Ao mesmo tempo, como o concreto é a síntese de múltiplas e distintas determinações, o desenvolvimento da identidade de alguém é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas, aí incluídas condições do próprio indivíduo” (CIAMPA, 1987, p. 198).

Percebemos que seja nas condutas socialmente ditas masculinas e femininas realizadas respectivamente por homens e mulheres, seja nas condutas socialmente ditas masculinas realizadas por mulheres, ou ainda nas condutas socialmente ditas femininas realizadas por homens, que as práticas sociais e a aprovação social em relação a determinadas condutas ou papéis tendem a influenciar de forma explícita ou velada, os referenciais de gênero dos adolescentes. É no próprio processo de socialização que o indivíduo individualiza-se, no sentido de relacionar-se com o mundo externo e assim apropriar-se deste de forma muito particular e desenvolver assim a sua subjetividade. Em outros termos, “[...] é o processo de socialização que constrói e explica o processo de individualização e, em especial, a identidade, que é o elemento chave para entendermos quem é o homem” (CARVALHO, 2004, p. 45).

Assim, nesse processo de socialização e individualização do homem a sua identidade de gênero também vai sendo constituída como algo importante e que vai direcionar as práticas cotidianas dos adolescentes em relação ao feminino e ao masculino. Ou seja, os papéis que socialmente são desempenhados por homens e mulheres, naturalmente vão sendo internalizados pelos adolescentes como os padrões de condutas masculinas e femininas, sejam de forma explícita ou de forma velada.

Os preconceitos, os estigmas, os estereótipos e as convenções sociais acerca desses referenciais ficam evidentes na fala dos alunos ao avaliarem e justificarem cada conduta ou papel sexual ou social desempenhado no cotidiano de homens e mulheres. Percebemos ainda contradições, incoerências e divergências nos discursos de alguns alunos que em determinada questão apresentavam um julgamento de aceitação para uma dada conduta e em outras semelhantes, sinalizavam a inaceitação ou a tolerância. “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, [...] têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos culturais”. (LOURO, 2001, p. 11).

Podemos inferir, portanto, que essa incoerência avaliativa apenas reproduz a própria complexidade e diversidade que permeia as práticas e condutas masculinas e femininas no contexto social do qual cada indivíduo faz parte, e que perpassam a relação de desigualdades e diferenças que são atribuídas socialmente a homens e mulheres. Louro (2006, p. 2) evidencia a sua consciência sobre essa relação entre os gêneros ao afirmar que:

Sei que a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessado e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade; que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem ou osem experimentar. Sei que tudo isso está, seguramente, embaralhado com questões de poder.

O que socialmente está convencionado como sendo uma prática masculina ou feminina tende a ser aceito ou tolerado com naturalidade pelos adolescentes. Embora devamos ressaltar também que os adolescentes em algumas falas e em algumas condutas sinalizam inquietação ou discordância desses papéis e práticas pré-estabelecidas como de homens e de mulheres. Isso nos remete a duas das relações evidenciadas por Ciampa (1994) no processo de constituição da identidade humana: pressuposição/reposição e ainda igualdade/diferença. Ou seja, os adolescentes tanto re-põem algumas identidades pressupostas sobre masculino e feminino como também se igualam e se diferem ao sexo oposto, como forma de se determinarem e individualizarem-se evidenciando suas identidades de gênero.

Percebemos, portanto, que esses referenciais vão ser decisivos nesse processo constitutivo, uma vez que irão balizar os entendimentos e identificações de cada adolescente com o masculino e o feminino e a partir dessa identificação e apropriação individual do que socialmente está estabelecido, seja através da reprodução ou da oposição a tais padrões, irá determinar a identidade masculina e/ou feminina de cada indivíduo. Ou seja, de acordo com Ciampa (1994, p. 66) “é pressuposta uma identidade que é re-posta a cada momento [...]”, a qual pode ser também rompida, mediante a ressignificação dos referenciais de gênero, os quais não permanecem estáticos, cristalizados tal como aparenta objetivamente por meio dos papéis sociais, mas está em movimento constante, em sintonia com as transformações individuais, sociais, históricas e culturais que também se transformam.

Outro ponto importante de evidenciarmos é a importância que “o outro” tem para o indivíduo, devido à forma como as falas dos alunos vão sendo estruturadas ao longo da execução dos encontros. As justificativas sempre estavam, além de revelando uma avaliação individual de cada aluno, também relacionadas com a fala anterior do colega. Esse movimento, de acordo com Gatti (2005), é esperado nas interações entre os membros do grupo. Ou seja, os adolescentes procuravam articular as suas concepções individuais do ser homem e ser mulher, referenciando-se também, dentre outros

aspectos, nas falas dos colegas no desenrolar das interações em grupo. Este se torna mais um sinalizador importante, uma vez que o processo de interação grupal proporciona essa reflexão conjunta e individual de forma mais direcionada, sem perder o foco central que se deseja e sem perder a caracterização do grupo (como adolescentes) e individual (como homens e mulheres). Percebemos assim, a idéia de Ciampa (1994) da inter-relação igualdade/diferença que caracteriza o próprio processo de constituição da identidade humana, e no caso, a identidade de gênero, uma vez que as discussões entre os adolescentes, aconteceram em encontros grupais que viabilizam esse tipo de movimento interativo, o qual possibilita o surgimento de pontos de convergência e divergência entre os membros desses grupos.

Assim, é mediante essa apropriação que o indivíduo vai sinalizando o seu pensar, agir e sentir acerca de cada postura e cada conduta socialmente caracterizada como sendo de homens e mulheres, veladamente ou explicitamente, e com isso, vai de forma dinâmica e transformadora, e tendo no outro um referencial importante, constituindo a sua identidade de gênero.

Considerações finais

Os alunos avaliaram as condutas e os papéis sociais sobre gênero e sexualidade socialmente determinados como sendo masculinas ou femininas por eles mesmos e também pelas suas famílias, mediante o olhar dos próprios adolescentes. Percebemos que os referenciais de gênero dos adolescentes e de suas famílias durante esse encontro são constituídos na maioria, mediante a reposição das condutas e papéis sociais pressupostos socialmente para homens e para mulheres. Ou seja, os adolescentes constroem as suas identidades de gênero pela consciência que têm acerca dos referenciais sociais, bem como tendem a reproduzir os referenciais também de suas famílias sobre gênero.

Tal consciência é constituída pelos significados sociais atribuídos a cada conduta e os sentidos produzidos por estes em relação a tais referenciais socialmente construídos para homens e mulheres. Assim, a identidade se manifesta por meio dessa reposição da identidade de gênero pressuposta socialmente que evidencia claramente desigualdades sociais e diferenciações em relação às condutas que já são naturalizadas no contexto social como condutas femininas e/ou masculinas. A aceitação das condutas, na sua maioria, só se evidencia em relação àquelas que não são naturalizadas socialmente

acerca de um gênero ou de outro. Nesse encontro pudemos captar a consciência, a atividade e a afetividade dos adolescentes como sinalizadores do processo de construção de suas identidades de gênero.

Pudemos perceber que o pensamento das famílias dos alunos em relação às condutas e aos papéis sexuais e de gênero são construídos mediante os referenciais sociais e que esses papéis sexuais e de gênero são reproduzidos no contexto familiar e, conseqüentemente, tendem a disseminar tais referenciais no processo de desenvolvimento da consciência de gênero dos adolescentes. Estes muitas vezes repõem essa identidade de gênero pressuposta socialmente, em especial pela família, mas muitas vezes re-significam tais referenciais rompendo com a estrutura de impregnação social sobre os papéis e condutas de homens e mulheres.

Referências

ATHAYDE, E. S. **Educação sexual para professores: desvelando a sexualidade numa perspectiva histórico-cultural**. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004.

CARVALHO, M. E. P. de. Introdução à questão das relações de gênero na Educação. In: _____. (Org.). **Consciência de gênero na escola**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

CARVALHO, M. V. C. de. **Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias**. 2004. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58 – 75.

_____. **Carreiras sem fronteiras: identidade humana e identidade profissional**. São Paulo: 2000, (inédito).

DUTRA, F. S. Letramento e identidade: (re)construção das identidades sociais de gênero. In: LOPES, L. P. da M. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2003.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, D.; BENTO, B.; ABOUD, S.; GARCIA, W. (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **UFRGS**, 2006. Disponível em : http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_29.pdf. Acesso em 5 jul. 2008.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

RODRIGUES, R. L. de A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2003. p. 67 – 88.

SOUSA, V. A. de.; CARVALHO, M. E. P. de. **Por uma educação escolar não-sexista**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.